

ESTUDANTES PELO COMUNISMO

em frente com



*a 11ª conferencia nacional
dos estudantes do m.e.s.*

Boletim Interno do sector estudantil

● Departamento Escolar e de
Juventude

10.00 24.5.77

N^o 13 / ANO II



EDITORIAL

empenhamento na preparação da conferência

1. O "EpC" n.13 sai num dos mais importantes momentos de luta contra a política reacçãoária do METC. Chegará às mãos dos camaradas numa altura em que as 3 academias se devem já encontrar em GREVE GERAL NACIONAL. Desencadeada a partir dum conjunto de medidas abertamente repressivas do ministério de Cardia, foi possível mobilizar muitos milhares de estudantes que pareciam já "mortos" para a luta, preparando-se para os exames.

No entanto, aquilo que vem sendo a nossa análise nos anteriores "EpC", confirmou-se: dificuldades em globalizar o combate, crescente peso das forças de direita nas escolas. A forma como o nosso partido (em unidade com a UEDP) vem conduzido^{mta} tem passado pela derrota quer do reformismo capitulacionista da UEC que faz estereis apelos à solidariedade e deixa isolar cada academia, quer do aventureirismo dos pequenos grupos trotskistas e de alguns sectores "independentes" que levariam o movimento para "becos sem saída" à mercê do reforço da direita.

Enfim, deste processo de luta importantes lições haveria a tirar! Empenhados como estamos nele não nos foi possível introduzir neste "EpC" essa análise. Poderíamos ter atrasado de uma semana a saída deste número, no entanto, o material já existente, a aproximação da Conferência e a disciplina que pretendemos impor na saída mensal, levou-nos a editar já este número.

O "EpC" n.14 que sairá antes do dia 18 de junho, será inteiramente dedicada a II Conferência e ao presente processo de luta.

2. A II Conferência Nacional dos Estudantes do MES começa a "dominar" a nossa actividade interna. É assim que este "EpC" é preenchido pelas conclusões de 3 importantes realizações: a I Conferência da OREL, a I Conferência de Estudantes e Professores da Região do Minho e a Reunião Alargada em Boja - todas elas preparatórias da nossa II Conferência Nacional!

Que todos os núcleos e células se empenhem na preparação da Conferência, é a palavra de ordem que lançamos! Porque se vai realizar num momento de viragem do M.A., porque se vai realizar num momento de amplo debate no seio do partido, porque se vai realizar a uma semana da II C.N., a nossa Conferência assume uma enorme importância política para o sector e o partido... tão grande quanto o empenhamento que soubermos pôr na sua preparação.

Atenção, portanto, às decisões da 7 Reunião da C.N., insertas neste "EpC".

3. Para além deste material vem ainda incluído neste n.13, um conjunto de documentos sobre "a vida dos militantes e o partido", informações sobre a primeira reunião da Corrente Revolucionária do M.A. e um Relatório sobre o pagamento do "EpC".

SAUDAÇÕES COMUNISTAS!

PREPARA-TE MILITANTEMENTE PARA A II CONFERÊNCIA!

VIVA A II CONFERÊNCIA!

VIVA O MES!

A II^a CONFERÊNCIA DE ESTUDANTES do M.E.S.

(DECISÕES DA 7^a REUNIÃO DA COORDENADORA NACIONAL)

data • local • ordem de trabalhos _____

DATA .: dias 18 e 19 de Junho (sabado e domingo)

LOCAL: Lisboa (numa escola)

ORDEM DE TRABALHOS;

DIA 18 (sabado):

- 11h - Abertura (Internacional)
 - Eleição da mesa; verificação das presenças
 - Saudação do C.C.
 - Saudação/Relatório do DEJ
 - outras saudações
- 13h - ALMOÇO
- 15h - Preparação da II CNQ - preparação do III Congresso - a situação do partido - a Resolução Tática da 8^a Reunião do C.C.
- 19h - JANTAR
- 21h - OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS DA LUTA PARA AS ESCOLAS
- 22h - OBJECTIVOS TÁCTICOS CENTRAIS - AS FORÇAS POLÍTICAS E A NOSSA POLÍTICA DE ALIANÇAS
- 23.30 - Encerramento dos trabalhos deste dia

DIA 19 (domingo)

- 10h - Plenário inicial e TRABALHO EM 3 SECÇÕES:
 - a intervenção ao nível do superior
 - a intervenção ao nível do médio
 - a intervenção ao nível do secundário
- 12.30 - ALMOÇO
- 14.30 - AS QUESTÕES TÁCTICAS IMEDIATAS
- 17 h - ENCERRAMENTO

participação _____

A participação na Conferência será de delegados na proporção de 1/3 com base no número de "EpC" que cada núcleo ou célula recebe.

Assim:

- até 3 "EpC" - 1 delegado
- de 3 a 6 " " - 2 delegados
- de 7 a 9 " " - 3 delegados
- de 10 a 12 " " - 4 delegados

É evidente que esta delegação não é rígida. Qualquer alteração deve, no entanto, ser comunicada ao Dej. Uma coisa tem de ser cumprida - todos os núcleos que recebem o "EpC" têm de estar presentes?



preparação

A preparação deve ser bastante cuidada e iniciada desde já! As células devem começar a programar as suas reuniões colocando um ponto da O.T. de preparação da II Conferência.

COMO FAZÊ-LO?

Até dia 31 de Maio:

- a) - discutindo os documentos do "EpC", nomeadamente:
do n.10 - "Que futuro para o M.E. ..."
do n.11 - "A táctica dos Revolucionários ..."
do n.12 - "Sobre a construção da corrente ..." e "a nossa táctica para o trabalho cultural"
- b) - reanalisando as teses aprovadas na I Conferência, vendo o que há a retirar, acrescentar ou transformar.
- c) - preparando Relatórios, Teses e intervenções
- d) - discutindo profundamente a Resolução da 8ª. Reunião do C.C. e os documentos insertos no "I.M." n.32

Depois do 31 de Maio:

- a) - discutindo as teses ORIGINALS que chegarão aos núcleos nesse dia
- b) - elegendo os delegados à Conferência.

NOTA IMPORTANTE: GRAU DE ABERTURA NA PREPARAÇÃO DA CONFERÊNCIA

A discussão de todos os pontos que se relacionem com a nossa intervenção estudantil, deve ser aberta a imobilistas e a elementos revolucionários sem partido.

A discussão sobre a situação do partido e a preparação do III Congresso deve ser restrita às nossas células e estruturas partidárias.

deslocação

Os camaradas do norte e do litoral virão de camioneta que partirá do Porto às 17.30 de sexta-feira. Os camaradas do Minho e Trás-os-Montes concentrar-se-ão no Porto; os camaradas da Beira Litoral, Coimbra e Leiria(Oeste) serão "apanhados" no percurso.

Os outros camaradas - centro e sul - deslocar-se-ão pelos seus próprios meios, anunciando antecipadamente se necessitam de qualquer apoio financeiro.

O dinheiro do "EpC" n.14 ficará retido nos respectivos núcleos como forma de apoio às despesas dos esus delegados.

As dormidas serão inteiramente tratadas por Lisboa.

VIVA A II CONFERÊNCIA DE ESTUDANTES DO MES!
VIVA O MES!

SOBRE O PAGAMENTO

do EpC

A - EXTRACTOS DA CIRCULAR DE 9 DE MAIO

A acompanhar um profundo esforço de direcção e coordenação nacionais da nossa intervenção estudantil, resolveu o Executivo da C.N. montar uma CONTABILIDADE própria do Sector, nomeadamente no que diz respeito aos pagamentos do "EpC". Trata-se de uma questão vital à sobrevivência do nosso trabalho!

Porquê? Passamos a expôr sinteticamente os nossos gastos regulares:

- A Coordenadora Nacional (que finalmente está a funcionar em pleno) reúne mensalmente com camaradas vindos de 9 pontos do país. No minimo tal envolve uma despesa de 2.000 escudos em deslocações e alimentação (sem contar com a que é feita individualmente).
- O custo do EpC anda à volta dos 2.000 escudos. Se muitas vezes conseguimos arranjar papel e tinta, o que não se consegue é deixar de pagar os selos do correio. Hoje só o envio do EpC custa cerca de 600 escudos.
- O envio de cada directriz custa 4 escudos x 40 núcleos = 160 escudos - e neste momento estamos a enviar uma média de uma ou duas directrizes por semana.

Se temos conseguido manter toda esta actividade é porque alguns núcleos e células têm pago regularmente o EpC e porque o Departamento Central do CC nos tem apoiado. Mas a situação é já insustentável! Não só porque isso seria o manter do liberalismo por parte de muitos núcleos mas porque o acréscimo do trabalho nos vai obrigar a um acréscimo de despesas.

AONDE IR BUSCAR O DINHEIRO? - Se os núcleos e células pagarem regularmente o EpC isso dá-nos um montante mensal de perto de 4.000 escudos!!

A partir destes dados o Executivo da C.N. tomou as seguintes decisões:

- 1 - Montar uma CONTABILIDADE do Sector; cada envio do EpC será acompanhado da respectiva factura;
- 2 - Exigir o pagamento desta factura até 8 dias depois da sua entrega;
- 3 - Perdoar todas as dividas anteriores ao EpC nº 9 e exigir o pagamento imediato das dividas referentes aos números 10, 11 e 12.



B - AS DÍVIDAS ACTUAIS DOS NÚCLEOS

Na base do que atrás se disse persistem as seguintes dívidas: (1)

O.R. DE LISBOA

SANTARÉM:	-
TOMAR:	75\$00
ENTRONCAMENTO	15\$00
BARREIRO:	50\$00
SETÚBAL:	50\$00
LEIRIA:	375\$00
PENICHE:	50\$00
CALDAS:	40\$00
BOMBARRAL:	50\$00
TOTAL:	705\$00

O.R. SUL

BEJA:	290\$00
PARO:	25\$00
SERPA:	105\$00
PORTALEGRE:	30\$00
ESTREMOZ:	65\$00
ÉVORA:	25\$00
TOTAL:	540\$00

O.R. NORTE

PORTO :	640\$00
VIANA:	-
BRAGA:	50\$00
BARCELOS:	-
MERELIM:	75\$00
AVEIRO:	365\$00
S. JOÃO DA M.:	50\$00
OLIV. AZEMEIS:	100\$00 (JA PAGO!)
ALBERGARIA:	50\$00
OVAR:	50\$00
GUIMARÃES:	250\$00
FAFE:	-
VILA REAL:	-
CHAVES:	125\$00
TOTAL:	1.7 5\$00

(x) Esta dívida não conta com este EpC - 13 mas conta com o envio dos jornais "PEGAR PELA RAIZ"

O.R. CENTRO

COIMBRA:	130\$00
FIGUEIRA:	-
S. PEDRO DO SUL:	85\$00
LAMEGO:	120\$00
C. BRANCO:	180\$00
GUARDA:	95\$00
WISEU:	50\$00
MANGUALDE:	25\$00
	total. 685\$00

TOTAL = 3.865\$00

PAGA
REGULARMENTE
O "E p C" !

MORTE
AO LIBERALISMO
E A QUEM
O APOIAR !



a I Conferência dos estudantes da DORBL

Realizou-se no passado dia 8, na sede do nosso Partido de Aveiro a I Conferência Estudantil da Beira Litoral, que contou com a presença de camaradas de Lisboa, da DORBL e ainda com os camaradas estudantes delegados das células estudantis da nossa região. Os locais representados foram Aveiro, Oliveira de Azeméis e Vila-da-Feira.

Antes de entrar na Ordem de Trabalhos, um camarada da DORBL fez a leitura de uma saudação aos camaradas presentes, tendo-se seguido um camarada de Lisboa da Coordenadora Nacional. Após isto foram também dadas informações sobre a organização da corrente revolucionária do MA, por um camarada presente na reunião das DDAEE do dia 7/5 em Coimbra.

Entrou-se então na OT que constava dos seguintes pontos:

1.º Análise da ME e da nossa intervenção no seu seio.

a) A Nível nacional

b) A nível regional

2.º Discussão e aprovação de um Programa de tarefas prioritárias e de objectivos de trabalho para o sector estudantil do MES.

3.º Eleição de um Secretariado Estudantil

Mas, antes de passarmos a relatar, propriamente aquilo que foi a Conferência e quais os resultados que dela adviram, será necessário falar das dificuldades da sua realização e em que estado organizativo se encontrava o sector estudantil neste nossa região.

Em 8/3/77 foi decidido sob proposta da DAPC da DORBL a realização da I Conferência do sector estudantil da DORBL.

Dois camaradas ficaram responsáveis pelos preparativos e pela efectivação da Conferência.

Qual era então a situação organizativa do Sector?

Havia já em Aveiro um trabalho com uma certa ^{implantação} que já tinha dado alguns frutos, tanto ao nível da intervenção de massas como ao nível organizativo do Partido. A intervenção estendia-se a quatro escolas, nas quais intervínhamos em duas DAE's, tínhamos quatro células formadas das quais duas se tinham formado recentemente. Estavam integrados neste trabalho cerca de vinte camaradas, sendo na sua maioria camaradas ainda bastante novos (14-16 anos) e com pouca experiência de trabalho. A dificuldade que os camaradas tinham em reunir por vezes era grande (falta de tempos livres, transportes, etc) e isso reflectia-se depois em todo o trabalho das células dificultando muito a discussão de textos e directivas que por vezes vinham nos EpC's e da Coordenadora Nacional.



resumindo-se quase sempre à discussão das tarefas a levar a cabo na escola. Só para exemplificar damos o caso da célula do Liceu que apenas conseguia reunir aos sábados das 8.30 às 9.30 horas. Tornava-se bastante difícil ter um corpo de camaradas politicamente capazes de fazer um trabalho devidamente produtivo para o Partido.

Também em Oliveira de Azemeis havia uma intervenção ainda que desorganizada, com um certo peso a nível de massas. Há dois anos que nos mantemos na DAE da Escola Técnica. Existia um corpo de camaradas simpatizantes largo, muitos dos quais não estavam a trabalhar no Partido por desorganização nossa. Os camaradas do MES deparam-se perante as dificuldades de simples reuniões de células pois por dificuldades de vária ordem elas tornam-se difíceis de fazer.

Na Vila de Feira tínhamos 3 camaradas simpatizantes, agora organizados em célula sendo um deles da DAE.

Além disso temos ainda camaradas simpatizantes do MES e desligados do Partido em Águeda e Espinho.

Em Albergaria, temos camaradas estudantes-trabalhadores. Assim como em Ovar temos uma célula com dois camaradas estudantes-trabalhadores e um professor.

Era isto que havia na altura. Torna-se pois bastante fácil de aver que o trabalho a desenvolver teria que começar "pelo princípio", a eleição do Secretariado que dirigisse e organisasse toda a intervenção do nosso sector era premente e fundamental.

Lançou-se um texto para discussão elaborado pelos dois camaradas responsáveis pela organização da Conferência. Desde logo estes camaradas viram que ele enfermava de algumas insuficiências, que ele não acompanhava devidamente a discussão que se tem vindo a efectuar no seio do nosso sector ao nível nacional. Mas, a verdade, é que ele, de certo modo, correspondia ao estágio organizativo dos estudantes do nosso partido nesta zona.

Pois desta Conferência o fundamental era sair uma estrutura de direcção capaz de organizar todo o sector e aprofundar a discussão política com vista à preparação da III Conferência Nacional do Sector, assim como a preparação do III Congresso.

Depois desta pequena introdução vamos fazer uma síntese breve daquilo que foi a I Conferência da ORBL.

Depois de verificadas as presenças e faltas de camaradas ou núcleos, passou-se ao primeiro ponto da OT que era mais de carácter informativo, não tendo scitado grande discussão.

Foram feitas algumas criticas ao texto preparatório da Conferência no que se referia à imagem da situação real do MES no ME e no MA.

Seguidamente passou-se ao segundo ponto que ocupou a maior parte do tempo e se compôs primeiramente de relatórios orais dos camaradas dos diferentes locais de intervenção.

Pontos mais focados: Existência de camaradas novos em idade e no Partido; necessidade de uma mais forte ligação às massas; moldes diferentes a dar ao nosso trabalho político; desmobilização das massas estudantis; dificuldades de reunião dos camaradas do Partido, etc. E também os moldes em que a nossa intervenção era feita nas diferentes escolas, assim como se encontravam as diferentes células do Partido.

Depois desta primeira parte passou-se à discussão de um Programa de tarefas prioritárias e de objectivos de trabalho para o sector. Este programa fazia parte do texto preparatório e foi aprovado na generalidade tendo sofrido algumas alterações.

Cabe aqui observar que a colaboração dada pelos camaradas de Lisboa foi bastante útil permitindo um melhor aproveitamento da discussão dos camaradas presentes.

O terceiro e último ponto tratava da eleição do Secretariado estudantil que depois de haver discussão de uma proposta do camarada da DORBL foi eleito.

Sendo a sua composição a seguinte:

2 camaradas de Oliveira de Azeméis

2 camaradas de Aveiro

1 camarada da Coordenadora Nacional

Este plenário decorreu com a presença de 10 delegados eleitos nas suas estruturas de base na proporção de 1 para 3, tendo faltado quatro camaradas delegados.

EXTRACTOS DO DOCUMENTO-BASE

Ao nível da Beira Litoral também a esquerda tem já algumas posições que lhe permitem fazer um trabalho cultural e ideológico e associativo com um certo peso ao nível da intervenção de massas.

A UEC apesar de possuir um funcionário no nosso distrito e um suporte organizativo minimamente estruturado, não consegue sair do isolamento a que foi votada pelos estudantes (veja-se o resultado obtido nas eleições para o Liceu José Estevão).

Tendo o MES conjuntamente com a UEDP algumas posições de relevo, no total estas forças tocam cerca de quatro associações (Escola Técnica, Escola Secundária, Magistério de Aveiro, Escola Técnica de Oliveira de Azeméis) e influenciando ainda que apenas ideologicamente a DAE do ISCA de Aveiro com uma Direcção independente de esquerda. Regista-se ainda a presença de um camarada nosso na DAE do liceu de Vila da Feira.

Pelas informações que temos quer através dos RNDAS quer através de nosso Partido ao nível global do nosso distrito, a direita não terá mais que a esquerda.

Isto refere-se apenas à influência que a esquerda nomeadamente o MES tem nas estruturas democráticas dos estudantes.

O conjunto das escolas que tocamos no nosso distrito, quer através de camaradas a trabalhar ao nível unitário, quer através de intervenção mais organizada (venda do jornal, distribuição de comunicados, etc.) são as seguintes:

- Aveiro: Escola Secundária; Escola Técnica; Liceu e Magistério
- Oliveira de Azeméis: Escola Técnica, Liceu;
- Ovar: Escola da noite;
- Albergaria: Escola da noite;
- Vila da Feira: Escola Secundária.

Havendo ainda um grupo de camaradas em Espinho e Águeda que não estão ligados ao nosso partido, devido à inexistência de núcleos organizados, mas com os quais há contacto ainda que bastante débil e que a médio prazo poderão estar integrados nas nossas fileiras.

VIVA A I^a CONFERÊNCIA DE ESTUDANTES
DA ORBL

PREPAREMOS
ATIVAMENTE
A II^a CONFERÊNCIA
NACIONAL
DOS ESTUDANTES
DO M. E. S.



I Conferência de estudantes e professores da região do Minho

Realizou-se no passado fim-de-semana de 14/15 de Maio em Viana do Castelo, a I Conferência do MES de estudantes e professores da Região do Minho.

Esta conferência que contou com a participação de mais de seis dezenas de membros do partido e companheiros sem partido vindos de várias cidades e vilas da região (Viana, Barcelos, Fafe, Guimarães, Braga, Merelim, Chaves), seria ainda acompanhada por vários camaradas responsáveis nacionais pela intervenção escolar do nosso Partido.

Ao levar por diante esta realização visávamos não só analisar a situação actual que vivemos nas escolas e os reflexos da política reaccionária do MEIC como principalmente, definir perspectivas de trabalho capazes de mobilizar, organizar e unir não só os camaradas do MES com todas as forças progressistas e revolucionárias.

Tendo-se iniciado em Plenário com debate acerca do tema - "A ESCOLA QUE TEMOS A ESCOLA QUE QUEREMOS" (em anexo) foi o resto da tarde e noite de dia 14 preenchido com uma profunda e participada discussão em duas secções de trabalho:

- 1^a SECÇÃO - A intervenção dos professores, nomeadamente ao nível da gestão e ao nível sindical.
- 2^a SECÇÃO - O movimento estudantil e associativo

Durante toda a manhã de domingo foram lidas e discutidas as resoluções finais destas duas secções. É uma síntese destas conclusões da I Conferência que passamos a transcrever:

II SECÇÃO

A nível da intervenção dos professores foi dada prioridade na discussão aos seguintes pontos:

- 1 - Participação nos órgãos de gestão;
- 2 - Encontro Nacional de Professores;
- 3 - Intervenção Sindical.

No final da Conferência podemos apontar como principais conclusões do trabalho no que respeita aos pontos indicados o seguinte: A nível de gestão, e apesar das medidas tomadas neste campo pelo MEIC que mais não visam do que destruir aquilo que foi uma das mais importantes conquistas conseguidas nas escolas considerou-se ainda existir campo de intervenção para os revolucionários a esse nível desde que a participação nos conselhos directivos permita:



- . Travar a tentativa de rentabilização capitalista das escolas;
- . Impedir que os impulsos de base sejam traídos;
- . Dinamizar e coordenar esses mesmos impulsos;
- . Conseguir espaço de manobra suficiente para que sejam aprovadas posições correctas.

No que respeita ao próximo Encontro Nacional de Professores, e tendo em conta que o Encontro não vai ser o fim de um processo, mas antes o início de um caminho que aponta para o lançar de uma profunda discussão no seio das escolas que permita encontrar respostas colectivas para os mais prementes problemas que se nos deparam nomeadamente a definição da carreira docente, a profissionalização de professores, as colocações, etc. permitindo igualmente contribuir para a unidade de todos os professores em torno da defesa dos seus interesses.

Considerou-se que a discussão das teses será um óptimo momento de mobilização dos professores, desde que esta discussão seja intimamente ligada à análise da situação real vivida de momento nas escolas, com as recentes medidas do MEIC, que vieram prejudicar a profissionalização de milhares de professores ao longo do país permitindo deste modo que a discussão seja feita de uma forma viva e eficaz.

Na discussão realizada em torno da questão sindical foi analisada a prática da última direcção do sindicato da zona Norte, que mais não fez do que servir a política reacçãoária do MEIC levando de forma premeditada à desmobilização dos núcleos sindicais de base e consequentemente a toda a classe. Criou-se assim a ilusão de que o Sindicato não serve para nada, negando portanto a importância fundamental que este representa, enquanto instrumento de luta pelos interesses mais legítimos de todos os professores.

Pensamos que lutar para que no Sindicato exista uma verdadeira democracia de base para que o sectarismo e o dirigismo e o controle partidário sejam eliminados, é o caminho que levará à unidade de toda a classe.

Pensamos que é o momento de procurar conseguir no seio das escolas a unidade entre os sectores e forças políticas interessadas numa prática sindical com as características acima apontadas, no sentido de conjugar esforços que permitam a sua concretização.

É por tudo isto que apelamos a todos os professores para que lutem contra tudo o que os divide e visa destruir as suas organizações e se batam intransigentemente pelo reforço da sua unidade.

II SECÇÃO

Da análise da situação actual há a realçar os seguintes pontos:

- 1 - O MEIC desenvolve uma política reacçãoária que é dirigida pela batuta do PPD, CDS e do imperialismo, que visa destruir por completo as principais conquistas alcançadas nas escolas depois do 25 de Abril - a gestão democrática e um ensino virado para a vida e luta do nosso povo. Essa política, que na região do Minho se faz mais sentir no ensino secundário e médio, tem vindo a ser patente na destruição dos anteriores planos de estudo dos magistérios e num largo conjunto de medidas para o secundário que visam voltar a criar nas escolas o ambiente de opressão, de intimidação, de individualismo e de concorrência.
- 2 - Mas a luta por um ensino que abra um espírito criativo e colectivo à juventude e que a ligue aos problemas do seu povo não só encontra obstáculos no

no MEIC; hoje, ele conta com as forças de direita como poderosos aliados de direita internos às escolas. Se na nossa região o seu papel é reforçado pela ideologia reaccionária burguesa dominante, a sua força é no entanto frágil, porque se baseou nos erros de intervenção das forças progressistas (que muitas vezes não se souberam ligar aos problemas concretos sentidos pelos estudantes), e assenta na passividade de largos sectores. Sempre que se souber intervir correctamente e mobilizar esses sectores passivos a esquerda sairá vitoriosa; a prová-lo está o facto de muitas direcções associativas do Minho seguirem uma linha progressista e revolucionária e terem o apoio dos estudantes da sua escola.

DAS PERSPECTIVAS DE TRABALHO HÁ A RESSALTAR:

1 - O reforço das estruturas partidárias em toda a região - o incentivo à formação de células e criação de uma coordenadora de trabalho escolar na região do Minho.

2 - O lançamento de um profundo trabalho cultural, que organize colectivamente a nossa juventude estudantil e os trabalhadores estudantes, baseado numa ampla unidade de acção, e para o qual, apelamos desde já a todos os estudantes progressistas e revolucionários.

Este trabalho irá privilegiar a intervenção nas estruturas associativas, lançando as suas acções culturais e tendo como principal instrumento o lançamento de jornais estudantis locais, abertos à participação de todos aqueles que estejam interessados na luta contra a recuperação capitalista nas escolas.

NOTA FINAL:

Esta I Conferência do Minho de Estudantes e Professores foi um grande passo em frente, não só pelo que se discutiu e aprovou como, principalmente, pelo impulso enorme que deu à nossa intervenção em toda a região. De um conjunto de núcleos com um trabalho disperso e descoordenado passamos a contar com uma intervenção global do MES em toda a região do Minho, dirigida pela respectiva Coordenadora Regional.

Por último há que saudar vivamente o trabalho da Comissão Organizadora e, em geral, do Núcleo de Viana que demonstrou uma forte capacidade organizativa em todos os pormenores da Conferência.

VIVA A I CONFERÊNCIA DO MINHO!

VIVA O MES!

A ESCOLA QUE TEMOS

A ESCOLA QUE QUEREMOS

Os condicionalismos da sociedade capitalista implicam o domínio completo da economia por parte da burguesia.

Porém esse domínio da conjuntura económica será tanto mais completo quanto maior for o domínio ideológico da burguesia sobre a sociedade. Com efeito a burguesia ao dominar economicamente a sociedade capitalista impõe ao nível da superestrutura os mecanismos reprodutores da sua dominação.

Ora, a escola é por excelência, o aparelho ideológico do Estado dominante na sociedade capitalista e para o ser a burguesia precisa de impôr um quotidiano alienatório e uma dinâmica selectiva ao jovem estudante.

O primeiro objectivo da escola capitalista é inculcar a ideologia burguesa no estudante e de o segregar pelo sistema.

O quotidiano alienatório imposto pela burguesia baseia-se num ensino afastado das realidades sociais, e torna o estudo numa rotina maçadora, que visa o embrutecimento do estudante. Desde logo, a educação do jovem parte viciada, pois visa a sua própria despersonalização, retirando-lhe a sua capacidade crítica.

A acrescentar ao carácter despersonalizante, a burguesia intensifica o espírito competitivo no seio dos estudantes, por meio do trabalho ultra-individual e por meio do incentivo "cada vez mais e melhor", que mais não visa do que a divisão enfranqueadora dos estudantes. Os "numera clausus" são disso um claro exemplo. Para concretizar devidamente as suas intenções no que respeita à escola a burguesia necessita de recorrer à opressão e mesmo à repressão.

As medidas repressivas e anti-democráticas são sobejamente conhecidas mas baseiam-se na tese de que a "política" e o "estudo" são inimigos eternos.

O segundo objectivo da escola capitalista, talvez o mais importante é o de seleccionar de entre os estudantes, aqueles que mais facilmente se irão integrar na sociedade hierarquizada e nos papéis sociais que a burguesia defende.

Os exames e a avaliação, mais geral, são de facto testes, não sobre as capacidades do jovem, mas sim sobre o seu grau de adaptação em relação à escola. Os "aptos", não são os mais capazes, são os que melhor se adaptam às condições da escola capitalista. É esta a escola que temos e que queremos modificar. Esta modificação, consiste num processo lento e contraditório mas acima de tudo dialéctico e dependente das condições objectivas e subjectivas.

Este processo de transformação tem porém, objectivos claros, é definido à luz da escola que queremos. Só debaixo de uma perspectiva anti-fascista anti-capitalista e anti-imperialista é possível construir a futura escola. É no combate ideológico à direita e à escola capitalista que poderemos construir qualquer coisa de novo e melhor. É na luta pelo fim da divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual que vamos transformar o ensino.

É na ligação do estudo à prática que reside um dos objectivos da escola que queremos com o fim de interessar dos estudantes pelas questões sociais.



É finalmente na unificação das lutas dos estudantes e dos trabalhadores que alcançaremos o controle popular sobre o aparelho escolar para que não se escondam as contradições e as relações fundamentais em que assenta a sociedade capitalista. Só assim a técnica aprendida nas escolas não será a técnica da exploração do homem pelo homem.

Só assim a sociedade receberá de cada um segundo a sua capacidade e lhe dará segundo a sua necessidade.

("A ESCOLA QUE TEMOS - A ESCOLA QUE QUEREMOS" um dos seis textos-base para a Conferência)

VIVA A I^a CONFERÊNCIA
DO MINHO!

VIVA A II^a CONFERÊNCIA
DOS ESTUDANTES
DO M. E. S.

PREPARA-TE !

reunião alargada em Beja

Realizou-se no passado dia 14 de Maio em Beja uma reunião entre um camarada da CORFE e os camaradas do MES que aí têm intervenção, com vistas a:

- 1) maior contacto entre as estruturas do Partido;
- 2) Situação e perspectivas para o ME a nível geral;
- 3) Análise e perspectivas da intervenção na zona de Beja.

Estiveram presentes 14 camaradas do Liceu de Beja e da Escola Industrial; Serpa e Magistério não puderam estar presentes.

A Ordem de Trabalhos foi a seguinte:

Ponto Prévio - Informações

Ponto 1 - Análise da situação política

Ponto 2 - Intervenção geral e concreta nas escolas

Ponto 3 - Questões Organizativas Internas

Do levantamento da situação resultaram os seguintes dados:

Escolas onde o MES tem intervenção:

- 1 - Liceu de Serpa
- 2 - Magistério de Beja
- 3 - Escola Industrial de Beja
- 4 - Liceu de Beja

1) Intervenção pouco consolidada com possibilidades de lançamento de comissão pró-associativa hegemónizada pelo MES

2) AE hegemónizada pelo MES; pertence à Comissão Nacional dos Magistérios.

3) AE - 4 MES/ 6 Independentes. Processos importantes contra os exames.

4) Maior célula estudantil do Baixo Alentejo. MES perdeu recentemente AE para o CDS, havendo já amplas perspectivas de resistência ofensiva, e até possibilidades de demissão da direcção. O MES tem a direcção das forças de esquerda, sendo por cá a intervenção da UEDP e da UEC.

Das conclusões da reunião são de realçar as seguintes:

1) Reforço do trabalho associativo, com perspectivas de criação da RIA do Baixo Alentejo; através do lançamento de uma comissão-pró-associativa em Serpa e de firme oposição à direcção CDS do Liceu de Beja.

2) Este objectivo só é possível através de um reforço partidário substanciado nos seguintes pontos:

a) Lançamento da célula de Serpa

b) Formação da Coordenadora de Intervenção Estudantil, constituída pelo Secretariado de célula do Liceu de Beja e um camarada da Escola Industrial.

c) Formação de quadros mais novos que assegurem a intervenção à medida que os camaradas mais velhos vão abandonando as escolas e audaciosa política de enquadramento que já tem dado os seus frutos.

3) Planeamento da preparação da II Conferência Nacional dos Estudantes.

o vida dos militantes e o Partido

"Não há militante na organização comunista onde a vida termine à porta das sedes e à saída das reuniões de trabalho partidário"

da Saudação do CC aos estudantes comunistas do MES.

"Hoje estão mais distantes os objectivos porque lutamos, hoje não existem as grandes vitórias, as grandes manifestações, o Poder Popular em ascenso, os SUV, etc.. etc...; hoje existem sim as pequenas vitórias, o trabalho lento (mas seguro) de organização... Hoje para quem milita no MES uma opção clara pelo trabalho comunista é inadiável"

do "EpC" n.º 6

"Pensamento que não é acção é um aborto ou uma traição"
poeta popular António Aleixo

INTRODUÇÃO:

Dois Relatórios sobre a mesma questão - A vida dos militantes e o Partido - chegaram às nossas mãos. O primeiro da célula do Liceu de Camões, Lisboa, reflete a posição da célula sobre actividades incorrectas de um camarada, o segundo da célula do Liceu Nacional de Leiria, reflete, pelo contrário, críticas de um camarada a toda a célula.

Não é a primeira vez que no EpC se abordam estas questões. Voltamos "à carga" já que se aproximam quatro (!!) realizações internas ao Partido onde de uma forma colectiva, elas irão ser

abordadas - a II Conferência Nacional do Sector;
A II Conferência Nacional de Quadros; o II Acam-
pamento Nacional de Férias do Sector e o III
Congresso.

1. CARTA À CÉLULA DO L. CAMÕES

"(...)Por outro lado o meu afastamento prende-se a motivos pessoais ligados intimamente a questões políticas internas: é a partir do discordar da frase em que se diz que não deve haver divisão entre a vida pessoal e a vida do partido que nascem para mim sérios problemas. Últimamente alguns camaradas do MES têm-me feito críticas "nos corredores" (era preferível que respeitassem o centralismo democrático) sobre o facto de eu consumir cannabis. Aqui o MES peca pois a questão da "ideologia da droga", não foi suficientemente discutida proveando a minha situação e por vezes o afastamento (por parte dos camaradas) de elementos apelidados de "freaks" que podem vir a ser uteis na luta que desenvolvemos por uma sociedade nova.

Como dizia há pouco, é triste que me façam as críticas sem ser em célula, não respeitando assim o centralismo democrático. E por coincidência quem me faz as críticas são aqueles que eu considero os "estalinistas" que por vezes são tão perigosos como os elementos liberais.

Todas estas questões foram pouco a pouco criando à minha volta um ambiente de trabalho nada favorável ao desenvolver do trabalho no MES.

Para além de ambiguidades familiares e falta de disponibilidade horária o meu afastamento prende-se mais àquilo que eu considero que deve ser um militante comunista pois, reconheço que a minha prática quotidiana (onde são frequentes os liberais e métodos de trabalho deficientes) retira-me a capacidade para desempenhar tarefas que no MES me são exigidas.

A questão da opção de classe põe-se para mim em termos muito difíceis pois dá-se o facto de eu pertencer a um meio de .. média burguesia abastada..

O meu desejo é afastar-me estatutariamente do MES mas de maneira nenhuma desejo afastar-me da luta!

Resta pois, pedir que aceitem o meu afastamento auto-critico, na certeza de que porém poderão contar com "revolucionário" na luta contra a escola capitalista, pelo Poder Popular, Pela Revolução Socialista!"

M.H.

1. RELATÓRIO DA CÉLULA

(...) As questões pessoais apontadas pelo MH são bem mais complexas e susceptíveis de discussão.

Vários são os conceitos que influem na devida compreensão do afastamento do camarada. Vamos tentar expor as nossas ideias sobre essas mesmas concepções.

Para nós, célula do Camões, aquele que opta pela luta dos explorados (faz por isso uma opção de classe) é um indivíduo que se esforça diariamente para se desligar dos interesses da classe dominante e para se ligar aos interesses da classe explorada.

O camarada MH não conseguiu superar todas as contradições que advêm duma tal opção de classe. O facto de o camarada MH consumir droga é prova evidente de que o não conseguiu fazer totalmente.

Pensamos que a droga é claramente uma fonte de alienação, por mais que se defenda o contrário. Ora, a alienação proveniente da droga é contraditória com a opção que nos propomos fazer e avessa à qualidade de militante comunista.

Resumindo e concluindo a posição da célula do Camões, sobre o afastamento do camarada MH resume-se a três pontos:

1. Não são suficientes as razões apresentadas pelo camarada M, já que nos parece que a decisão do camarada é um tanto extemporânea e repentina;

2. Que no entanto, devido ao facto de o camarada se ter apresentado para discutir a sua situação com a ideia pré-concebida que se queria afastar temos de aceitar a sua posição.

3. Que sendo contraditório o camarada consumir droga e ser militante comunista, ao mesmo tempo, tinha de escolher um dos campos. Pela posição pré-concebida que o camarada tinha, de se afastar, fôsse qual fôsse a posição da célula, cremos que desta maneira o camarada nos disse qual desses campos preferia.

Apesar de ser contraditório que um militante comunista se drogue, é necessário que a célula tenha papel importante na decisão que esse camarada venha a tomar.

Uremos que para casos futuros, os camaradas que estão, eventualmente nestas condições, terão de contar com o apoio activo dos restantes camaradas da célula.

Dizer que uma e outra coisa são contraditórias e por isso forçar o afastamento do camarada é incorrecto. Quanto a nós não se pode "pegar" nesse camarada e pô-lo fora.

É necessário mantê-lo na célula, na certeza de que o seu rendimento não poderá ser totalmente satisfatório, mas na esperança de, por intermédio do trabalho e da discussão colectiva, venhamos todos a superar as nossas contradições.

3. CARTA À CÉLULA DO L.N. LEIRIA

(...) Apesar dos esforços de alguns, a degenerescência geral, a corrupção tem se agravado cada vez mais, à medida que vou conhecendo a vida interna do partido e dos seus elementos. Eles agem mecânicamente impregnados de liberalismo pequeno-burguês, de comodismo, não sabendo sequer aproveitar as múltiplas oportunidades que surgem, para se portarem como comunistas (estive a referir-me especialmente à célula de estudantes). Pois não é corrupção e verbalismo revolucionário (mas obviamente inconsequente e reformista, pois a teoria não verifica prática nenhuma - a não ser a burguesa) a que me é dado assistir todos os dias?

E a militância revolucionária? Quem milita? Os militantes? Os que conheço, não!

Ora eu, sabendo e sendo conhecedor directo desta realidade (pelo menos cá em Leiria), não posso andar aqui assim, alimentado por uma esperança de que noutros lados, a situação seja melhor. (...)

(...) É evidente que agora podem perguntar-me: "Mas tu afinal reconheces que a linha ideológica do MES a nível geral é mais correcta que a dos outros partidos, ou não?"

Acho que sim, mas eu analiso as coisas, consoante a intervenção social que têm, a viabilidade e o que são, de facto, na prática. (...)

(...) Aliado a tudo isto, está também a entrada prematura que fiz no MES. Toda a gente sabe que eu fui extremamente influenciado e não tive oportunidade de fazer uma pontinha de pessoal em todo o processo em que estou.

Acho que é uma boa ocasião para rever posições e se chegar à conclusão de que o MES tem de facto a linha correcta, e que, há hipótese de transformar de base, o quotidiano de algumas pessoas que lá estão, então lá estarei, pronto a auto-criticar-me e a retomar o trabalho."

R.M.

4. RELATÓRIO DA CÉLULA

Resultado da discussão que houve na célula o dia 7/5 na sequência da carta do camarada RM:

De maneira geral houve uma concordância quanto à existência de vícios no Partido apontados pelo camarada RM na carta. A polémica surgiu quanto às al-

RM

ternativas que se põem à nossa vida quotidiana; houve duas posições que depois se verificou não serem antagónicas entre si. A primeira que defendia como alternativa uma efectiva ligação às massas trabalhando em centros culturais, no campo, etc e a segunda que considerava esta proposta utópica e defendia que reforçando o nosso trabalho na escola, lutando pela mobilização dos estudantes, conseguiremos transformar o nosso quotidiano. Nesta discussão surgiram ainda várias questões como: o que é um comunista; o que é viver para o partido; a falta de camaradagem e o tipo de relações que temos; a nossa vida no café.

As nossas conclusões foram que: os frutos da nossa intervenção serão nulos se continuarmos como até aqui. O trabalho colectivo terá de existir de facto. A necessidade de transformar o nosso modo de vida é premente: teremos de procurar novos locais de intervenção, sem descurarmos de modo alguma o liceu. A questão porém, não se põe nos moldes de largar tudo e metermo-nos todos a trabalhar num local qualquer; teremos de pesquisar onde vamos trabalhar e, organizadamente, ver quais são as tarefas a cumprir adequadas a cada camarada. (...)

A Célula de estudantes do L.N. de Leiria

O PRINCÍPIO REUNIÃO

da corrente revolucionária

1. Realizou-se em Coimbra, como estava previsto (ver documento do último "EpC"), no dia 7/Maio uma reunião no sentido de formalizar a corrente revolucionária do M.A.

Estiveram presentes 12DAEs sendo assim a participação um pouco reduzida devido, fundamentalmente, às dificuldades de deslocação. No iníquo compareceram duas AEs da UEC (Hospitais Cívicos e ISCSP) reivindicando o direito de participação. Assim foi decidido suspender formalmente a reunião enquanto encontro de DAEs e prossegui-la enquanto reunião de dirigentes associativos, salvaguardando a intenção sempre bem vinculada de não querer formar uma tendência do M.A. mas sim contribuir para o reforço da sua unidade, unificando os sectores revolucionários do M.A. na base de um programa anti-fascista, anti-imperialista e anti-capitalista.

As DAEs presentes foram as seguintes:

Mag. Aveiro
ES Aveiro
Mag. Braga
AAC
ISCAC
ES Estremoz
ISE
ISSL
ISEL
FEP
ISSP
EIC Caldas da Rainha

2. Foram dadas informações do processo de luta das 3 academias, a situação dos Magistérios e do Secundário.

Em seguida assentou-se nas perspectivas para a actual situação do M.E. e do M.A. Discutiu-se sobre as novas formas que terá de assumir a intervenção dos revolucionários nas escolas, a intervenção cultural e ideológica.

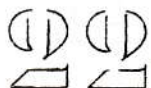
Avançou-se assim na análise da PLATAFORMA proposta, ponto por ponto, chegando-se a um largo consenso.

3. Face ao rápido despoletar do presente processo de luta, sem quaisquer instrumentos organizativos montados, a corrente não conseguiu agir com eficácia. Não parece, assim, possível, ainda este ano lectivo, avançar muito para além da consolidação dos contactos já existentes.

O ponto mais importante que pode, desde já, servir de precioso apoio aos nossos núcleos é o ROL DOS INSTRUMENTOS CULTURAIS

ISE - Cooperativa livreira - ARMA-CRÍTICA
- Revista e Cadernos ARMA-CRÍTICA
- Revista "CONSTRUIR A UNEP NA LUTA"
- GRUPO TEADRO DO ISE
- GRUPO CORAM DO ISE

AAC - TEATRO TEUC/CITAC
- CORAIS CELUC e ORFEON
- GEFAC - etnográfico e folclórico
CENTRO DE ESTUDOS ANTI-IMPERIALISTA
- CENTRO DE ESTUDOS EINEMATOGRAFICOS
- CENTRO DE ESTUDOS SOCIO-ECONOMICOS



FEP - CURSO DE INICIAÇÃO CINEMATOGRAFICA
- ligação com o CEEC
- ligação com o TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
- ligação com o CORAL DE LETRAS
- revista em formação
- JORNAL "MEGAFONE"

ISSP - revista em formação

ES Estremoz - GRUPO DE TEATRO
- ligação ao ORFEON TOMÁS ALCAIDE
- ligação ao GRUPO TEATRO "A PLEBE"

Mag. Aveiro - TEATRO FANTOCHES
- GRUPO TEATRO
- jornal "PÁGINA ABERTA"

ISCAP - GRUPO TEATRO

ÉIC Caldas Rainha - jornal "ENSAIO"

Mag. Braga - GRUPO DE TEATRO (em formação)
- GRUPO DE DANÇAS E FOLCLORE (em formação)
- ligação ao GATEC

ISEL - jornal "ENGRENAGEM"
- Revista "TÉCNICA E SOCIEDADE"

ISSSL - Jornal "INTERVENÇÃO" - tratamento das lutas urbanas

PARA ESTE EFEITO CONTACTA COM
O DEJ OU DIRECTAMENTE COM
A DAE.
